



INTRODUÇÃO DO DOSSIÊ

Discursos religiosos sobre sexo, violência e gênero: vozes emergentes do sul global

A leitura e a interpretação apresentam problemas quando não nos vemos no texto. Existem problemas também quando nos vemos, mas mal conseguimos nos reconhecer através da representação.” (Carla Wilson, 2001 – tradução própria)¹.

As realidades do Sul Global frequentemente foram interpretadas e narradas através de uma visão de mundo ocidental. Essa abordagem muitas vezes resulta em narrativas que falham em capturar com precisão as complexidades contextuais e as experiências vividas no Sul, uma vez que são transmitidas através de perspectivas que não compreendem plenamente as complexidades dos problemas em questão. Esse fenômeno está enraizado na crença disseminada de que o Sul não pode articular suas próprias histórias, uma crença perpetuada por uma visão de mundo profundamente construída em uma perspectiva ocidental. Esse processo pode ser visto como uma continuação da mentalidade colonial, onde "pessoas e lugares são relegados aos limites do usual, às margens do normal, ao lado borrado do confortável," e são, conseqüentemente, percebidos como o 'Outro' em contraste com o Norte idealizado². Essa conceitualização problemática do Sul Global frequentemente resulta em uma imagem distorcida de si mesmo, onde as pessoas do Sul lutam para reconhecer suas próprias identidades dentro da narrativa imposta.

Essa ideologia historicamente silenciou o Sul Global, oprimindo corpos que carregam vozes ricas — vozes profundamente enraizadas em diversas tradições culturais e religiosas, expressas através de uma ampla gama de idiomas e sistemas de conhecimento. Ao reconhecer apenas as contribuições epistêmicas do Norte, essa noção opressiva empurrou as pessoas do Sul para a periferia, efetivamente apagando suas perspectivas e sabedoria da narrativa global. No entanto, esse cenário está mudando à medida que o Sul cada vez mais reivindica e afirma sua voz no âmbito global. Jione

¹ WILSON, Carla. Decolonizing Methodologies: research and indigenous peoples. *Social Policy Journal of New Zealand*, p. 214-218, 2001.

² BISHOP, Sara S. V. Hospitality, Othering, and the Infinity of Worlds. In: HAVEA, Jione (Org.). *Bordered Bodies, Bothered Voices: Native and Migrant Theologies*. Wipf and Stock Publishers, 2022. p. 66-72.



Havea (2022) afirma que "devemos aprender a sentar e ouvir com respeito todas as vozes; devemos também ouvir as vozes silenciosas nas lacunas"³, carregando suas narrativas e refletindo experiências que são distintamente suas e enraizadas em contextos específicos. Esses contextos estão intrincadamente inscritos no corpo, moldados por práticas indígenas, normas culturais, tradições e crenças religiosas. Essas narrativas são transmitidas através dos idiomas e visões de mundo únicos do Sul, oferecendo uma perspectiva alternativa rica que desafia a dominância das epistemologias do Norte.

Esse é um ato de resistência e um processo de descolonização, no qual os corpos do Sul Global estão começando a contar suas próprias histórias, baseando-se em suas realidades vividas — realidades que há muito foram descartadas como inadequadas, desinformadas ou inferiores, e relegadas às margens da excelência acadêmica. Através da produção de conhecimento emergente do Sul, está ocorrendo uma ruptura dos sistemas de conhecimento entrincheirados no espaço religioso, particularmente no que diz respeito a gênero, sexualidade e dinâmicas de poder. Essa ruptura é moldada por compreensões contextuais de patriarcado, heteronormatividade e masculinidade, desafiando as narrativas tradicionais que dominaram esses discursos. Como observa Jione Havea (2022), "ouvir e aprender a história do 'Outro' deve ser uma parte intencional da vida"⁴. O Sul Global está ativamente redefinindo a si mesmo, compartilhando intencionalmente narrativas alternativas que fornecem uma representação verdadeira de suas identidades — narrativas que finalmente podem reconhecer e reivindicar como suas. Esse processo de autodefinição não é solitário; é um esforço colaborativo do Sul Global, uma jornada coletiva de tornar-se, onde o Sul está assumindo a propriedade de suas narrativas e se recusando a ser representado por outros.

Este dossiê é, portanto, o resultado das preocupações e engajamentos entre o Sul Global sobre as possibilidades e desafios de desenvolver reflexões críticas que rompem com perspectivas restritivas e violentas sobre a religião, especialmente em termos de gênero e sexualidade. Ressaltamos que o Sul Global não se refere apenas a uma

³ HAVEA, Jione (Org.). *Bordered Bodies, Bothered Voices: Native and Migrant Theologies*. Wipf and Stock Publishers, 2022, p. 62.

⁴ HAVEA, Jione (Org.). *Bordered Bodies, Bothered Voices: Native and Migrant Theologies*. Wipf and Stock Publishers, 2022, p. 63.



referência geográfica, mas, acima de tudo, a uma categoria que engloba experiências historicamente marginalizadas de poder e conhecimento. O diálogo entre as diversas perspectivas que a diversidade do Sul Global evoca pode revelar como a religião pode e tem sido tanto uma fonte de violência quanto um meio de resistência e resiliência. Ao examinar a conexão entre religião e violência, buscamos destacar as nuances e complexidades que frequentemente são simplificadas nos discursos dominantes e expor a natureza sistêmica e penetrante do hetero-patriarcado, que se expressa através da exclusão e do distanciamento dos corpos. Ao fazer isso, também pretendemos revelar as complexidades do poder que informam as experiências do Sul Global dentro do discurso religioso, na base de nossas realidades.

Nas Humanidades e Ciências Sociais, e especialmente em Teologia e Estudos Religiosos, pesquisadores do Sul Global começaram a questionar quem estava fazendo isso, por quê e a partir de quais perspectivas teóricas e metodológicas. Nesse exercício, identificou-se uma predominância de visões de mundo eurocêntricas, hetero-patriarcais e normativas, que valorizaram experiências privilegiadas de poder e conhecimento e garantiram a manutenção de desigualdades, exclusão e silenciamento dos povos e comunidades da América Latina e do Caribe, África e Ásia. Na academia, as vozes de pesquisadores dissidentes muitas vezes não são ouvidas porque são vistas como categoricamente “outras” e sistematicamente limitadas em termos de linguagem e perspectiva teórica. Como já foi observado, é importante enfatizar que essa é uma ideia informada e reforçada por uma história de colonização e pela crença de que apenas os pensamentos e escritos acadêmicos da visão ocidental atendem aos padrões de excelência em relação a esse assunto, o que deixa as vozes “outras” nos limites da produção do conhecimento.

Em contraste com esse tipo de visão, nosso esforço tem se concentrado em trazer à luz investigações comprometidas com a decolonialidade e que, mais do que apenas desconstruir leituras hegemônicas, também se dedicam a reconstruir outras possibilidades para a religião, o sexo e o gênero. Uma característica comum desse tipo de trabalho é a valorização de histórias e conhecimentos que, embora frequentemente marginalizados, oferecem uma visão rica e indispensável para uma compreensão contextual e diversa da religião. Vale ressaltar que assumimos que toda linguagem é uma linguagem contextual, pois é enunciada e articulada com base em significados



específicos à experiência de seu significant. Nesse sentido, o discurso teológico em si é utilizado como uma das linguagens através das quais a religião é elaborada e que, quando desafiada, pode ser uma ferramenta interessante e contraditória que pode tanto tornar invisíveis quanto tornar visíveis as mais diversas contradições que atravessam os corpos, gêneros e experiências das pessoas. Através de uma abordagem interdisciplinar, reunimos contribuições dos Estudos Religiosos, Teologia e Estudos Queer, para questionar e expandir as compreensões tradicionais sobre religião e violência.

Os artigos incluídos neste dossiê oferecem uma análise crítica de como as narrativas religiosas interagem com diferentes aspectos de poder, identidade e diferença. Além disso, abordam como a interseccionalidade de raça, gênero e sexualidade influencia essas interações, muitas vezes exacerbando ou mitigando a violência. Kisiang'ani argumenta que “Um estereótipo importante, e um cujo tempo e persistência parecem sobrepor qualquer contradição, é que o - Sul Global - é estático, inalterado desde a Idade da Pedra porque - os habitantes dessa área geográfica - não têm criatividade nem desejo de promover mudanças”⁵. Esses artigos desafiam essa visão reducionista ao demonstrar como o Sul Global é, de fato, dinâmico e profundamente engajado na reinterpretação e resistência das estruturas de poder inseridas nas narrativas religiosas.

Esperamos que este volume e os artigos que ele contém continuem a inspirar e contribuir para um diálogo cada vez mais profundo e sutil sobre as interseções entre religião, sexo, violência e gênero no contexto do Sul Global.

Desejamos a você uma ótima leitura!

Dra. Charlene Van der Walt (Universidade de KwaZulu-Natal)

Professora Associada Honorária em Gênero e Religião, na Escola de Religião, Filosofia e Clássicos da Universidade de KwaZulu, Natal, na África do Sul, e também permanece associada ao changemaking work do Ujamaa Center for Biblical and Theological Community Development and Research. Os principais interesses de pesquisa de Charlene incluem Teoria/Teologia Queer, Hermenêutica Bíblica Queer, ativismo e mudança LGBTIQA+, Estudo Bíblico Contextual e pedagogias experimentais

⁵ KISIANG'ANI, Edward Namisiko Waswa. Decolonising gender studies in Africa. In: AFRICAN gender scholarship: Concepts, methodologies and paradigms, 2004, p.24-36.



emergentes no estudo de Religião e Teologia. Charlene pode ser contatada pelo e-mail: charlene.vanderwalt@svenskakyrkan.se e vanderwaltc@ukzn.ac.za

Dr. André Sidnei Musskopf (Universidade Federal de Juiz de Fora)

Professor do Departamento de Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora. Doutor em Teologia. Líder do Grupo de Pesquisa indecências – Religião, Gênero e Sexualidade (ReGeSex). Ativista e pesquisador na área Teologia e Ciência da Religião na sua relação com Estudos da Diversidade Sexual e de Gênero. Ativista e pesquisador na área Teologia e Ciência da Religião na sua relação com Estudos da Diversidade Sexual e de Gênero. André pode ser contatado pelo e-mail: asmusskopf@hotmail.com

Ma. Tracey Maswazi Gumede (Universidade de KwaZulu-Natal)

Doutoranda no programa de Gênero e Religião da Universidade de KwaZulu-Natal, África do Sul. Como ativista e acadêmica queer, sua pesquisa se concentra na Teologia Queer, na Teologia do Corpo e nas experiências de indivíduos LGBTI+ em ambientes religiosos. Recentemente nomeada Coordenadora de Teologia do Corpo no Ujamaa Centre, Tracey colabora com organizações como a Inclusive and Affirming Ministries e a All-Africa Theological Education by Extension Association (AATEAA) para criar espaços inclusivos e combater crimes de ódio homofóbico. Ela é formada em Psicologia, Comunicação e Teologia. Ela também recebeu a bolsa de estudos Holstein Dissertation Fellowship. Tracey pode ser contatada pelo e-mail: maswazisibisi@gmail.com

Ma. Giovanna Sarto (Universidade Federal de Juiz de Fora)

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil. Seu trabalho se concentra especificamente nas áreas de Mariologia; Religião, Gênero e Sexualidade; Estudos Queer; (Des)colonialidade e Estudos Feministas. É membro do grupo de pesquisa Indecências - Religião, Gênero e Sexualidade (ReGeSex) e atualmente é editora da revista Sacrilegens. É bolsista da CAPES. Giovanna pode ser contatada pelo e-mail: giihsarto@hotmail.com